

Céus, terra e Israel (Sl 148)

Heavens, Earth and Israel (Ps 148)

MATTHIAS GRENZER*

FERNANDO GROSS**

JONAS DE SOUZA NETTO***

Resumo: A Bíblia Hebraica reflete, amplamente, sobre Israel. Nesse sentido, também o Salmo 148, como poema lírico artisticamente composto, culmina num olhar para esse “povo” (v. 14a.c). Descreve-o como “próximo” ao Senhor, Deus de Israel (v. 14c), justamente por este último “ter exaltado o chifre/poderio” (v. 14a) dos “seus fiéis” (v. 14b). No entanto, o versículo final do Salmo 148 ganha seu sentido pleno apenas dentro do contexto formado por todo o poema. Com isso, observa-se que o “louvor por parte dos filhos de Israel” (v. 14b-c), em princípio, é antecedido e/ou ocorre em sintonia com o “louvor” a ser entoado pelos “céus” (vv. 1b-6b) e pela “terra” (vv. 7-13). Assim, o presente estudo se propõe a reler o Salmo 148 em vista dos diversos espaços nele mencionados, prevalecendo a pergunta sobre as interconectividades e/ou interdependências entre céus, terra e Israel, assim como entre os diversos seres que lhes pertencem, humanos e não humanos.

Palavras-chave: Céu. Terra. Israel. Salmos.

Abstract: The Hebrew Bible largely reflects on Israel. In this sense, Psalm 148 too, as an artistically composed lyrical poem, culminates in a look at this “people” (v. 14a). It describes them as “close” to the Lord, the God of

* Matthias Grenzer é Doutor em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia St. Georgen em Frankfurt, Alemanha. Leciona na Faculdade de Teologia da PUC-SP e na Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI em Mogi das Cruzes, SP. Contato: mgrenzer62@gmail.com

** Fernando Gross é Doutor em Teologia pela PUC-SP. Leciona na Faculdade de Teologia da PUC-SP e no Centro Cristão de Estudos Judaicos em São Paulo. Contato: grossfernando@gmail.com

*** Jonas de Souza Netto é Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista e mestrando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP. Contato: jonas@datahouse.com.br

Israel (v. 14c), precisely because the latter “has exalted the horn/power” (v. 14a) of “his faithful ones” (v. 14b). However, the final verse of Psalm 148 only takes on its full meaning within the context of the whole poem. This means that the “praise of the children of Israel” (vv. 14b-c), in principle, is preceded by and/or occurs in harmony with the “praise” to be sung by the “heavens” (vv. 1b-6b) and by the “earth” (vv. 7a-13c). Thus, this study sets out to re-read Psalm 148 in view of the various spaces mentioned in it, with the question prevailing about interconnectedness and/or interdependence between the heavens, the earth and Israel, as well as between the various beings that belong to them, human and non-human.

Keywords: Heaven. Earth. Israel. Psalms.

Introdução

A *Bíblia Hebraica*, lida por cristãos e cristãs como *Antigo Testamento*, menciona o nome próprio “Israel (יִשְׂרָאֵל)” quase duas mil e quinhentas vezes. Somente no livro dos Salmos, observam-se sessenta e duas menções do nome. Com isso, facilmente se vislumbra que diversos aspectos e/ou múltiplas conotações acompanham a reflexão sobre o povo assim chamado. E é de fundamental importância, sobretudo para judeus e cristãos, as duas comunidades religiosas que encontram suas origens religiosas no Israel bíblico, ter uma compreensão autêntica daquilo que, em princípio, deve caracterizar a identidade desse povo. Portanto, qual é a vocação original de Israel? Aliás, ter maior clareza sobre isso, inclusive, é importante para quem precisa conviver com Israel, embora não se proponha a fazer parte dele.

À procura de uma das compreensões bíblicas da identidade de Israel, o presente estudo visa à leitura do Salmo 148. No entanto, logo se percebe que o poema lírico em questão, antes de pensar nos “filhos de Israel (יִשְׂרָאֵל בְּנֵי)” (v. 14c), olha de forma bem mais extensa para os “céus (שָׁמַיִם)” (vv. 1b.4a2x.b.13c) e para a “terra (אֶרֶץ)” inteira (vv. 7a.11a.b13c). Esse fato talvez seja fundamental para a compreensão do que seria a identidade de Israel.

A leitura do Salmo 148 aqui proposta segue as partes ou subunidades maiores que formam o poema lírico. Olha-se para os céus (vv. 1b-6b), para a terra (vv. 7a-13c) e para Israel (v. 14a-c). No caso, os três espaços e os seres a eles pertencentes são convocados a entoarem o louvor ao Senhor, Deus de Israel. Tal ordem já é expressa pelo “aleluia (הַלְלוּ הַיְיָ)” inicial (v. 1a), ao qual, para formar uma moldura ou inclusão, corresponde o “aleluia (הַלְלוּ-יְיָ)” final

(v. 14d). A expressão, formada, em hebraico, por duas palavras, significa literalmente “Louvai o SENHOR!”¹

1 Céus

Após a ordem inicial contida no “aleluia (יְהִי הַלְלוּ)” (v. 1a), a primeira parte do Salmo 148 começa com a ordem “Louvai (יְהִי הַלְלוּ) o SENHOR (אֱתֵי הַיְהוָה) dos céus (מְרוֹן הַשָּׁמַיִם)” (v. 1b). Eis a tradução do texto originalmente escrito em hebraico, visualizando-se as três estrofes (vv. 1b-2b.3-4.5-6) que compõem a unidade literária em questão:

- (1b) Dos céus, louvai o SENHOR,
- (1c) louvai-o nas alturas!
- (2a) Louvai-o, todos os seus mensageiros,
- (2b) louvai-o, todos os seus exércitos!

- (3a) Louvai-o, sol e lua,
- (3b) louvai-o, todas as estrelas luzentes!
- (4a) Louvai-o, ó céus dos céus
- (4b) e as águas que estão acima dos céus!

- (5a) Que louvem o nome do SENHOR,
- (5b) porque ele ordenou, e foram criados!
- (6a) Para sempre e eternamente os pôs de pé:
- (6b) deu uma prescrição que não passa.

O emprego de diversos elementos estilísticos confere beleza ao poema lírico. O tema é o louvor a ser entoado a partir “dos céus (מְרוֹן הַשָּׁמַיִם)” (v. 1b). Mais tarde, formulada paralelamente, a segunda parte do Salmo 148 começará com as palavras: “Da terra (הָאֲרֶזְרָא), louvai o SENHOR!” (v. 7a). Percebe-se, assim, um *merisma*, ou seja, a divisão de um assunto em duas partes distintas. Que “terra (אֲרֶזְרָא) e céus (שָׁמַיִם)” (v. 13c) louvem a Deus! Isto é, “os dois lados da criação, o espaço celeste e o terrestre”, devem entrar na mesma dinâmica, sendo que o numeral *dois*, “como número simbólico, descreve o todo”, lembrando aquilo “que se pode pegar com as duas mãos”, o “masculino e o feminino” (Gn 6,19) e/ou as “duas placas do decálogo” (Ex 31,18; 34,4; Dt 4,13; 5,22; 9,15; 10,1.3) (Brüning, 1996, p. 7).

¹ O estudo investiga o texto hebraico do Salmo 148. Todas as citações de textos pertencentes à *Bíblia Hebraica* são de tradução própria.

Sete elementos pertencentes ao espaço celeste devem “louvar o nome do SENHOR” (v. 5a): “mensageiros (מַלְאָכִים)” (v. 2a) e “exércitos (צְבָאוֹת)” (v. 2b) do Senhor, “sol (שֶׁמֶשׁ)” (v. 3a), “lua (יָרֵחַ)” (v. 3a) e “estrelas luzentes (אֲוֹר כּוֹכָבִי)” (v. 3b), “os céus dos céus (הַשָּׁמַיִם שָׁמַיִם)” (v. 4a) e “as águas que estão acima dos céus (הַשָּׁמַיִם מֵעַל אֲשֶׁר הַמַּיִם)” (v. 4b). O número *sete*, semelhante ao dois, traz consigo as conotações de inteireza, completude e/ou perfeição, lembrando os sete dias da semana (Gn 1,1-2,4a).

No mais, a primeira parte do Salmo 148 é formada por *três* estrofes (vv. 1b-2b.3-4.5-6), “número simbólico para o que é santo – cf. a visita de Deus em forma de três homens a Abraão (Gn 18,1ss), o triplo dito da bênção aaronita (Nm 6,24ss), o trisagion (Is 6,3; Ap 4,8)” e/ou o terceiro dia como momento de salvação (Am 6,2) – (Brüning, 1996, p. 7).

Tematicamente, a primeira estrofe (vv. 1b-2b) do Salmo 148, ao contemplar “céus (שָׁמַיִם)” (v. 1b) e “alturas (מְרוֹמִים)” (v. 1c), visa aos “mensageiros (מַלְאָכִים)” (v. 2a) e aos “exércitos (צְבָאוֹת)” (v. 2b) celestes como seres vivos que pertencem ao “SENHOR (יהוה)” (v. 1b). “Somente” este último “é o SENHOR”, isto é, o detentor exclusivo da divindade, e, nessa qualidade, ele “fez os céus (הַשָּׁמַיִם), os céus dos céus (הַשָּׁמַיִם שָׁמַיִם) e todo o exército deles (וְכָל-צְבָאָם)” (Ne 9,6). Por tê-los criado, eles são “seus mensageiros (מַלְאָכָיו)” (v. 2a) e “seus exércitos (צְבָאָיו)” (v. 2b), também no sentido de estarem a serviço dele. Com isso, “todos (כָּל)” eles (v. 2a.b), “a partir dos céus (מִן-הַשָּׁמַיִם)” e “nas alturas (בְּמְרוֹמִים)”, também são intimados a “louvá-lo” (vv. 1b.c.2a.b).

Na segunda estrofe (vv. 3-4), “corpos e espaços celestes”, isto é, os “seres e poderes não vivos” (Zenger, 2008, p. 846) existentes “nas alturas” (v. 1c), devem juntar-se ao coro que louva o Senhor. Ora quem reza no Salmo 148 pensa nos diversos luzeiros “fixados no firmamento”, com as tarefas de “iluminarem a terra, governarem o dia e a noite e fazerem a separação entre a luz e as trevas” (Gn 1,17-18): o “sol (שֶׁמֶשׁ)” (v. 3a), a “lua (יָרֵחַ)” (v. 3a) e as “estrelas luzentes (אֲוֹר כּוֹכָבִי)” (v. 3b); parece que “a natureza de cada elemento revele a glória de Deus”, no sentido de “a criação narrar o poder soberano do criador” (Ross, 2016, p. 946). Ora o orante no Salmo 148 pensa nas “águas (מַיִם) que estão acima dos céus (הַשָּׁמַיִם מֵעַל אֲשֶׁר)” (v. 4b). Trata-se das correntezas do “oceano primitivo” e/ou dos “abismos (תְּהוֹמוֹת)” (v. 7b), os quais, mesmo após a divisão das águas (Gn 1,6-8), “continuam a existir em torno de céu e terra” (Berlejung, 2016, p. 268). A expressão “céus dos céus (הַשָּׁמַיִם שָׁמַיִם)” (v. 4a) “deve ser tratada como superlativo e tomada como os céus mais altos”, permanecendo “duvidosa” a hipótese de se tratar de uma “referência a uma pluralidade de céus sucessivos, como ocorre na literatura judaica posterior” (Prinsloo, 1992, p. 57).

A terceira estrofe (vv. 5-6) traz a justificativa para a ordem sete vezes dada aos elementos celestes: “Louvai (לְהַלֵּל!)” (vv. 1b.c.2a.b.3a.b.4a). “Que louvem (לְהַלֵּל!) o nome do SENHOR, porque (כִּי) ele ordenou, e foram criados” (v. 5a-b). Isto é, “para sempre e eternamente os pôs de pé; deu uma prescrição que não passa” (v. 6a-b). Destaca-se, com essas afirmações, a “imutabilidade” da “esfera celeste” e sua “conformidade” com “a lei para ela colocada por Deus” (Hirsch, 1978, p. 490). Ou seja, “o louvor e a forma dele” consistem no fato de os céus e os elementos a eles pertencentes “serem criação divina e encontrarem-se subjugados à lei divina” (Brüning, 1996, p. 8).

2 Terra

De forma correspondente à ordem dada no início da primeira parte do Salmo 148 – “Dos céus, louvai o SENHOR!” (v. 1b) –, o orante agora muda a direção de seu olhar para a “terra (אֶרֶץ)” (v. 7a). Desta vez, quatro estrofes compõem a seção (vv. 7-8.9-10.11-12.13).

- (7a) Da terra, louvai o SENHOR,
- (7b) ó monstros marinhos e todos os abismos,
- (8a) fogo e granizo, neve e neblina,
- (8b) vento tempestuoso que executa sua palavra,
- (9a) os montes e todas as colinas,
- (9b) árvore frutífera e cedros todos,
- (10a) o animal selvagem e todo gado,
- (10b) répteis e pássaro alado,
- (11a) reis da terra e todos os gentios,
- (11b) príncipes e todos os juízes da terra,
- (12a) moços e, também, donzelas,
- (12b) velhos com jovens!
- (13a) Que louvem o nome do SENHOR,
- (13b) porque somente o nome dele é eminente!
- (13c) Sua majestade está acima de terra e céus.

As quatro estrofes indicam, simbolicamente, o que é terreno. Existem, pois, quatro pontos cardeais e/ou quatro estações. Juntando as quatro estrofes (vv. 7-13) da segunda parte do Salmo 148 às três estrofes da primeira parte (vv. 1b-6b), o merisma, contemplando “terra e céus” (v. 13b), de forma poética, se estende a um conjunto formado por sete estrofes. Novamente, prevalece a noção de inteireza, completude e/ou perfeição.

Além disso, na segunda parte (vv. 7-13) do Salmo 148, ocorrem justamente sete menções de espaços geográficos e/ou paisagens: “terra (אֶרֶץ)” (vv. 7a.11a.b.13c) – outra vez, o número quatro se faz presente! –, “abismos (תְּהוֹמוֹת)” (v. 7b), “montes (הָרִים)” (v. 9a) e “colinas (גְּבְעוֹת)” (v. 9a). Juntando ainda a menção dos “céus (שָׁמַיִם)” (v. 13c) no final da segunda parte do poema em questão, recordando-se, assim, o âmbito contemplado na primeira parte (vv. 1b-6b), alcança-se o número de oito elementos visando a lugares e/ou âmbitos.

No mais, ao olhar para a terra, quem reza no Salmo 148 contempla vinte seres: seis fenômenos ligados às profundezas do mar ou ao clima – “monstros marinhos (תַּנִּינִים)” (v. 7b), “fogo (אֵשׁ)” (v. 8a), “granizo (בְּרֵד)” (v. 8a), “neve (שֶׁלֶג)” (v. 8a), “neblina (קִיטוֹר)” (v. 8a) e “vento tempestuoso (סְעֻרָה רִוּחַ)” (v. 8b) –, seis seres não humanos da flora e fauna – “árvore frutífera (פְּרִי עֵץ)” (v. 9b), “cedros (אֲרָזִים)” (v. 9b), “animal selvagem (חַיָּה)” (v. 10a), “gado (בְּהֵמָה)” (v. 10a), “répteis (רֶמֶשׂ)” (v. 10b) e “pássaro alado (כַּנָּף צְפוּר)” (v. 10b) – e oito representantes do ser humano – “reis (מְלָכִים)” (v. 11a), “gentios (לְאֻמִּים)” (v. 11a), “príncipes (שָׂרִים)” (v. 11b), “juizes (שֹׁפְטִים)” (v. 11b), “moços (בְּחֹרִים)” (v. 12a), “donzelas (בְּתוּלוֹת)” (v. 12a), “velhos (זְקֵנִים)” (v. 12b) e “jovens (נְעָרִים)” (v. 12b). O vinte é um múltiplo de dez, números novamente acompanhados de significantes conotações simbólicas. No caso, trazem à memória os dez sinais enviados ao faraó (Ex 7,14–11,10), as “dez palavras” ou mandamentos (Dt 4,13; 10,4), o menor grupo comunitário a ser administrado (Ex 18,21.25), as “dez lonas” (Ex 26,1; 36,8), as “vinte tábuas” (Ex 26,18.20; 36,23.25), as “dez colunas” (Ex 27,12; 38,12) e o “reposteiro de vinte côvados” (Ex 27,16; 38,18) pertencentes ao santuário móvel do êxodo. Além disso, todo “recenseado de vinte anos para cima deve dar a sua oferta ao SENHOR” (Ex 30,14; 38,26). Todavia, com essas impressões em relação à composição poética da segunda parte (vv. 7-13) do Salmo 148, vale a pena verificar como cada estrofe convoca os diversos seres terrestres a “louvarem o SENHOR” (v. 7a) e/ou “o nome do SENHOR” (v. 13a).

Surpreende que, na primeira estrofe (vv. 7-8), ao pensar na “terra (אֶרֶץ)” (vv. 7a), o orante, inicialmente, menciona “monstros marinhos (תַּנִּינִים)” e “abismos (תְּהוֹמוֹת)” (v. 7b). Ambos “pertencem aos oceanos” (Brown, 2015, p. 162). No caso, entram em cena as profundezas dos mares (Sl 33,7; 104,6; 106,9; 107,26; 135,6), sendo que as águas deles, inclusive, trazem à memória as águas subterrâneas e as “águas acima dos céus” (v. 4b), igualmente pensadas como abismais. Nos “abismos” marítimos (v. 7b), por sua vez, vislumbra-se a existência de “monstros marinhos” (v. 7b). Embora o vocábulo hebraico em questão também possa indicar um “réptil (תַּנִּין)” no sentido de uma “serpente

(תַּיִן) terrestre” (Ex 7,9.10.12; Dt 32,33), quem reza no Salmo 148 imagina um “monstro (תַּיִן) serpentina” (Riede, 2002, p. 129) no “mar” (יָם) (Gn 1,21; Is 27,1; Sl 74,13; 91,13; Jó 7,12), com forças semelhantes a um “crocodilo (תַּיִן) no rio Nilo (יָאֵר)” (Ez 29,3; 32,2). No mais, a primeira estrofe (vv. 7-8) da segunda parte do Salmo 148, ao olhar para a “terra”(v. 7a), visa ao “fogo (אֵשׁ)” (v. 8a) e a uma série de “fenômenos atmosféricos” (Brown, 2015, p. 163) e/ou climáticos: “granizo (בָּרָד)” (v. 8a; Sl 18,13.14; 78,47.48; 105,32), “neve (שֶׁלֶג)” (v. 8a; Sl 51,9; 147,16), “neblina (קִיטּוֹר)” (v. 8a; Sl 119,83) e “vento tempestuoso (הַסְעָרָה רוּחַ)” (v. 8b; Sl 107,25.29). Inclusive, o “fogo (אֵשׁ)” (v. 8a) – além de ser uma “entidade (Gn 22,7; Pr 6,27)”, um “estado de conflagração (Dt 5,5; Is 43,2)” e/ou de “combustão (Is 37,19)”, ora com toda a sua utilidade, ora com o seu “poder devastador e insaciável” (Sl 83,15) (Naudé, 2011, p. 519) – é representante dos “relâmpagos (בְּרָקִים)” (Sl 18,15; 77,19; 97,4; 135,7; 144,6), outro fenômeno climático, contemplado como “brasas de fogo (אֵשׁ לִי-אֵשׁ) ou אֵשׁ פְּהַיִּים)” (Sl 11,6; 18,13.14; 140,11) e/ou “chamas de fogo (אֵשׁ לְהִבּוֹת)” (Sl 29,7; 104,4; 105,32). Vale ainda observar que, no final da estrofe nos vv. 7-8, o “vento tempestuoso (הַסְעָרָה רוּחַ)” (v. 8b) é descrito como “quem executa (עֹשֶׂה) a palavra dele (דְּבָרוֹ)” (v. 8b), isto é, daquilo que diz o “SENHOR” (v. 7a), sendo que “o sufixo pronominal da terceira pessoa”, traduzido como pronome possessivo, “reforça a ligação” entre o início e o final da unidade literária em questão (Prinsloo, 1992, p. 50).

A segunda estrofe (vv. 9-10) da segunda parte do Salmo 148 (vv. 7-13) dá continuidade à lista dos seres terrestres convocados a “louvarem o SENHOR” (v. 7a). Como representantes dos espaços geográficos e/ou paisagens, são mencionados “os montes (הָרִים)” (v. 9a) – há outras cinquenta e duas menções desse tipo de elevação no livro dos Salmos, inclusive do “monte da santidade” do Senhor, Deus de Israel, que é o “Sião” (Sl 2,6) – e “todas as colinas (גְּבֻעוֹת)” (v. 9a; Sl 65,13; 72,3; 114,4.6). Das paisagens, chega-se aos vegetais lenhosos. “Árvore frutífera (עֵץ פְּרִי)” (v. 9b; Sl 1,3;) e “todos os cedros (אֲרָזִים)” (v. 9b; Sl 29,5; 80,11; 92,13; 104,16). Ao total, a Bíblia Hebraica menciona onze árvores frutíferas diferentes e/ou os frutos por elas produzidas, tão importantes para a alimentação de seres humanos e animais: videira, figueira, oliveira, romãzeira, tamareira, sicômoro, macieira, noqueira, amendoeira, terebinto e amoreira. O cedro, por sua vez, destaca-se, como árvore florestal, por causa de seu tamanho, sua idade e sua madeira tão útil para construção de edifícios maiores e navios (Grenzer; Agostinho, 2021, p. 442.444-447). No final da estrofe em questão, o orante visa à fauna, acolhendo, por duas vezes, grupos contrastantes. De um lado, olha para o “animal selvagem (חַיָּה)” (v. 10a; Sl 68,11; 74,19; 79,2) – que está no “bosque (יַעַר)” (Sl 50,10; 104,20), no “campo (שָׂדֶה)” (Sl 104,11), entre

o “caniço (קֶנֶף)” (Sl 68,31) ou no “mar (יָם)” (Sl 104,25) – e o “gado (בְּהֵמָה)” (v. 10a; Sl 36,7; 49,13.21; 73,22; 104,14; 107,38; 135,8; 147,9), isto é, o animal domesticado que, como “gado pequeno (צֹנֶה)” ou “gado grande (בְּהֵמָה אוּמִיִּלְפִיִּים)”, está no “campo (שָׂדֵה)”, (Sl 8,8) e/ou nas “montanhas” (Sl 50,10). Do outro, há o “réptil (שָׂרָף)” (v. 10b; Sl 104,25), animal que se arrasta no solo da terra firme ou no mar, e o “pássaro alado (כָּפֹרֵף)” presente nos “céus” (v. 10b; Sl 8,9; 11,1; 78,27; 84,4; 102,8; 104,17; 124,7). No caso, além de trabalhar, sete vezes, com o vocábulo “pássaro (כָּפֹרֵף)” (v. 10b) e, quatro vezes, com o vocábulo “ave (עוֹף)”, os Salmos “contemplam nove espécies de pássaros: pomba, rola, cegonha, andorinha ou pardal, águia e/ou abutre, codorniz, corvo, gralha e coruja” (Grenzer; Barros; Dantas, 2022, p. 117-118). Enfim, paisagens, flora e fauna, “louvai o Senhor” (v. 7a).

Por fim (!), ao imaginar o louvor que deve vir “da terra” (v. 7a), o ser humano entra em cena. A terceira estrofe (vv. 11-12) da segunda parte do Salmo 148 (vv. 7-13) investe em quatro pares como representantes de toda a humanidade. A primeira dupla é formada pelos “reis da terra (מַלְכֵי-אֶרֶץ)” (v. 11a; Sl 2,2.10; 45,10; 48,5; 68,13.15.30; 72,10-11; 76,13; 89,28; 102,16; 105,14.20.30; 110,5; 119,46; 135,10-11; 136,17-20; 138,4; 149,8) – isto é, aqueles que governam as nações existentes como estados/monarquias – e por “todos os gentios (לְאֻמִּים)” (v. 11a; Sl 2,1; 7,8; 9,9; 44,3; 47,4; 65,8; 67,5; 105,44), ou seja, os grupos que se formam a partir de ascendência, língua e/ou religião em comum. Segue-se o par formado pelos “príncipes (שָׂרִים)” (v. 11b; Sl 45,17; 68,28; 82,7; 105,22; 119,23.161), líderes pertencentes aos palácios, e pelos “juízes (שֹׁפְטִים)” (v. 11b; Sl 2,10; 58,12; 109,31; 141,6), responsáveis por promover a justiça. As últimas duas duplas, visando agora aos dois gêneros – “moços (בְּחוּרִים)” (v. 12a; Sl 78,31.63) e “donzelas (בְּתוּלוֹת)” (v. 12a; Sl 45,15; 78,63) – e às idades diferentes – “velhos (זְקֵנִים)” (v. 12b; Sl 105,22; 107,32; 119,100) e “jovens (נְעֻרִים)” (v. 12b; Sl 37,25; 119,9) –, focam, por sua vez, na humanidade inteira.

Como a estrofe final (vv. 5-6) da primeira parte (vv. 1b-6b), também a quarta e, portanto, última estrofe (v. 13) da segunda parte (vv. 7-13) do Salmo 148 traz uma justificativa para o “louvor (הלל)” (v. 7a) a ser entoado pelos espaços e seres pertencentes à “terra (אֶרֶץ)” (vv. 7a.11a.b.13c): “Que louvem o nome do SENHOR, porque (כִּי) somente o nome dele é eminente” (v. 13a-b). Afinal, “o nome (שֵׁם) do SENHOR (יהוה)”, contido no tetragrama, indica, a partir de sua semelhança à raiz verbal “ser (היה)” (Ex 3,14), a presença, o companheirismo e/ou a relação de Deus em favor de quem, por conta própria, não tem como existir. Ou, com outras palavras, além de encontrarem sua origem na atividade criadora de Deus, todos os seres na terra, em vista de sua sobrevivência, dependem também da constante ação salvadora e da justiça

divina do Senhor. Nesse sentido, trata-se, inclusive, de um “conhecimento alto (נִשְׁבָּהָה)” (Sl 139,6), quando o ser humano descobre o quanto o Deus do “nome eminente (נִשְׁבָּהָה)” (v. 13b) “enaltece (שָׁגַב)” os seus (Sl 20,2; 59,2; 69,30; 91,14; 107,41). Assim, quem reza no Salmo 148 afirma e resume no final da segunda parte do poema a respeito do “SENHOR” e/ou do “nome do SENHOR” (v. 13a): “Sua majestade (הִדָּוָה) está acima de terra e céus” (v. 13c; Sl 8,2; 96,6; 104,1; 111,3; 145,5). Com isso, os dois espaços até agora focados são ultrapassados. Por mais que “se louve o SENHOR da terra” (v. 7a) e “dos céus” (v. 1b), Deus transcende esses dois âmbitos.

3 Israel

De forma surpreendente, na terceira parte (v. 14) do Salmo 148, isto é, no final do poema lírico, visa-se ainda aos “filhos de Israel” (v. 14c). Tendo o Senhor Deus como referência, aqueles são descritos como “povo dele” (v. 14a) ou “povo próximo a ele” (v. 14c), no sentido de tratar-se dos “fiéis dele” (v. 14b). Eis uma proposta de tradução:

- (14) Exaltou o poderio de seu povo,
o louvor de todos os seus fiéis,
dos filhos de Israel, o povo próximo a ele!

Na primeira linha, a oitava estrofe (v. 14) do Salmo 148 traz uma imagem metafórica. Compreendida de forma literal, entende-se que o Senhor “exaltou (וַיִּרָם) o chifre (קַרְנֵי) de seu povo (לְעַמּוֹ)” (v. 14a). Ao pensar no gado, “chifres elevados indicam não somente a força de combate e a superioridade, mas, observando o andar dos animais, também a dignidade e a beleza deles (cf. Dt 33,17; Sl 92,11)” (Zenger, 2008, p. 850).

No livro dos Salmos, o Senhor, Deus de Israel, é descrito como “chifre/ frente/poderio (קַרְנֵי) de salvação” (Sl 18,3) daquele que lhe é fiel, no sentido de “despedaçar os chifres dos “perversos (רָשָׁעִים קַרְנֵי)” e favorecer “a elevação das frentes (קַרְנוֹת) do justo (צַדִּיק)” (Sl 75,11; 89,18.25; 92,11; 112,9; 132,17). Os “perversos”, por sua vez, procuram “elevar a sua frente (קַרְנֵי)” (Sl 75,5-6). Quer dizer, de um lado, nutre-se a esperança de que a força pertença a Deus, algo que, inclusive, ganha visibilidade nos “chifres do altar (הַמִּזְבֵּחַ קַרְנוֹת)” (Sl 118,27). Do outro, experimenta-se “a comunidade dos malfeitores” (Sl 22,17), com “chifres dos búfalos (רָמִיִּם)” (Sl 22,22), esmagando o fiel.

Diante desses paralelismos, por sua vez, surge a seguinte questão em relação ao Salmo 148: quais são as conotações simbólicas e, com isso, o sentido da afirmação de que o Senhor “exaltou o chifre/poderio (קַרְנֵי) de seu povo”

(v. 14a)? No primeiro momento, é possível imaginar que a oração poética vise à “significância militar” (cf. 1Sm 2,10; Lm 2,17), no sentido de Deus se propor a “restaurar a reputação de Israel e a proteção deste diante das nações beligerantes” (Schmutzer; Gauthier, 2009, p. 162). No entanto, a continuação da sentença no v. 14 e a observação do contexto literário em todo o Salmo 148 levam a outro entendimento.

O verbo “e exaltou (וַיִּרְם)” (v. 14a), na primeira posição, conduz toda a frase. Quer dizer, tudo o que se segue, isto é, “cada palavra subsequente, é uma forma não verbal, salientando o ‘exaltar (רום)’ como verbo governante do tricólon inteiro” (Schmutzer; Gauthier, 2009, p. 173). Portanto, em relação ao que se lê no v. 14b-c, trata-se de aposições. Subentende-se que, por “exaltar o chifre/poderio de seu povo” (v. 14a), o Senhor, de fato, exalta “o louvor de todos os seus fiéis” (v. 14b), sendo que estes compõem “os filhos de Israel” (v. 14c). Ou, com outras palavras, o “poderio (קָרָן)” (v. 14a) ou a força de “Israel (יִשְׂרָאֵל)” (v. 14c) consiste justamente no “louvor (תְּהִלָּה)” (v. 14b) a ser verbalizado e musicado por esse “povo (עַם)” (v. 14a.c). Somente assim, ele será “o povo dele (עַמּוֹ)” (v. 14a), isto é, de seu Deus, e/ou “o povo próximo a ele (עַם-קָרְבוֹ)” (v. 14c). Enfim, a pertença e a proximidade de Israel ao Senhor nascem junto ao louvor.

Considerações finais

Considerando as suas três partes (vv. 1b-6b.7-13.14a-c) e os dois elementos formadores da moldura (vv. 1a.14d), a temática que percorre todo o Salmo 148 é o louvor ao Senhor. A raiz verbal “louvar (הלל)” é empregada de forma planejada. Há duas presenças do elemento lexical “Aleluia (הַלְלוּ יְהוָה וְהַלְלוּ-יְהוָה)” (vv. 1a.14d), sete presenças do verbo “louvai (הַלְלוּ)”, flexionado como imperativo plural masculino (vv. 1c.2a.b.3a.b.4a.7a), duas vezes o verbo “que louvem (יְהַלְלוּ)”, flexionado na conjugação dos prefixos com significado de jussivo, terceira pessoa plural masculino (vv. 5a.13a), e uma vez o substantivo “louvor (תְּהִלָּה)” (v. 14b). Ao total, são doze presenças da raiz verbal em questão, outro número representativo, sobretudo em vista de Israel e/ou das doze tribos que deram origem a esse povo.

No entanto, Israel não louva Deus de forma isolada (v. 14a-c). Pelo contrário, os céus, com os espaços e seres a eles pertencentes (vv. 1b-6b), e a terra, incluindo paisagens, vegetais, animais e seres humanos (vv. 7-13), entram na dinâmica do louvor a Deus, ora por terem sido “criados” pelo Senhor (v. 5b), ora por todos os seres, em sua sobrevivência, dependerem da divina presença e lealdade indicadas pelo “nome do SENHOR” (v. 13a-b). Com isso, o

Salmo 148, inclusive, “ênfatiza o valor intrínseco da natureza”, no sentido de os seres a ela pertencentes religiosamente serem reconhecidos como “sagrados”, “sublinhando a noção de pertença” e de “relações interdependentes” entre céus, “terra e todos os seus habitantes” (Ferreira; Sutton, 2024, p. 318).

Enfim, o louvor de céus e terra parece antecipar o louvor de Israel a Deus. Sobretudo, porém, o louvor ao Senhor por parte dos “filhos de Israel”, “o povo próximo a” esse Deus (v. 14c), deve estar em sintonia com o louvor universal e/ou cósmico.

Referências

BROWN, A. Psalm 148, Pinnacle of the Psalms. In: *Paradosis. A Journal of Bible and Theology*, v. 2, p. 148-169, 2015.

BRÜNING, C. Psalm 148 und das Psalmenbeten. In: *Münchener Theologische Zeitschrift*, v. 47, n. 1, p. 1-12, 1996.

FERREIRA, H.; SUTTON, L. Ecological Hermeneutics as a current trend in Old Testament research in the Book of Psalms. In: *Acta Theologica*, v. 44, n. 1, p. 306-321, 2024.

GRENZER, M.; AGOSTINHO, L. H. S. Árvores nos Salmos. Elementos para uma educação espiritual e ambiental. In: *Encontros Teológicos*, v. 36, n. 2, p. 439-456, 2021.

GRENZER, M.; BARROS, P. F.; DANTAS, J. A. S. Pássaros nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 82, n. 321, p. 115-129, 2022.

HIRSCH, S. R. *The Psalms*. Jerusalem; New York: Feldheim, 1978.

NAUDÉ, J. A. שִׁשׁ. In: VANGEMEREN, W. A. *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. V. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 518-523.

PRINSLOO, W. S. Structure and cohesion of Psalm 148. In: *Old Testament Essays*, v. 5, n. 1, p. 46-63, 1992.

RIEDE, P. *Im Spiegel der Tiere. Studien zum Verhältnis von Mensch und Tier im alten Israel*. Freiburg; Göttingen: Universitätsverlag; Vandenhoeck & Ruprecht, 2002.

SCHMUTZER, A. J.; GAUTHIER, R. X. The Identity of “Horn” in Psalm 114:14a: An Exegetical Investigation of MT and LXX Versions. In: *Bulletin for Biblical Research*, v. 19, n. 2, p. 161-183, 2009.

ZENGER, E. Psalm 148. In: HOSSFELD, F.-L.; ZENGER, E. *Psalmen 101-150*. Freiburg: Herder, 2008, p. 838-853.

Artigo recebido em 03/10/2024 e aprovado para publicação em 17/10/2024

Como citar:

GRENZER, Matthias; GROSS, Fernando; SOUZA NETTO, Jonas de. Céus, terra e Israel (Sl 148). *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 175-186, jul./dez. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i46-2024-2>